

O Ensino de Literatura Numa Perspectiva Decolonial: As Narrativas Híbridas de História e Ficção Juvenis

Teaching Literature from A Decolonial Perspective: Hybrid Narratives of History and Young People's Fiction

Fernanda Sacomori Candido Pedro¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Matilde Costa Fernandes de Souza²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Maria Sueneide da Silva Colares³

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Marcio da Silva Oliveira⁴

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Resumo: A literatura voltada ao público infantojuvenil tem se firmado como um espaço potente para problematizar discursos históricos consolidados. No cenário brasileiro, a obra *A descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, destaca-se ao recriar o período da colonização a partir de perspectivas comumente ignoradas pela historiografia tradicional. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como essa narrativa híbrida promove uma ressignificação do passado colonial do Brasil. Para tanto, a pesquisa realiza uma análise crítica e bibliográfica ancorada em duas vertentes teóricas complementares: os pressupostos da *Nova História* (Sharpe, 1992), focada nos sujeitos marginalizados, e o conceito de *romance histórico contemporâneo de mediação* (Fleck, 2017), que tensiona os limites entre o registro oficial e a ficção. O debate também é sustentado pelas teorias decoloniais latino-americanas de Quijano (1988), Mignolo (2017) e Grosfoguel (2006). Os resultados apontam que o livro de Del Priore descentraliza a narrativa hegemônica ao dar voz e protagonismo a personagens que historicamente estiveram à margem dos processos sociais. Conclui-se que o uso escolar de narrativas com essas propriedades híbridas constitui uma importante ação decolonial (Santos; Fleck, 2025). Esse exercício pedagógico e literário mostra-se indispensável para elucidar o passado de subjugação,

¹ Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel/Paraná, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Email: fernandasacomori@gmail.com

² Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE/Cascavel/Paraná, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Email: mcfernandes76@gmail.com

³ Mestra em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins -UFNT/Araguaína/Tocantins, Universidade Federal do Tocantins (UFNT). Email:sueneideestudopesquisa@gmail.com

⁴ Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá -UEM/Maringá/Paraná, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Email:prof.marciooliveira2015@gmail.com

contribuindo diretamente para a descolonização das mentes, do imaginário e das identidades na América Latina.

Palavras-chave: Romance Histórico Contemporâneo de Mediação; Nova História; Narrativas Híbridas de história e ficção juvenis; Decolonialidade.

Abstract: Literature aimed at children and young adults has established itself as a powerful space for challenging entrenched historical narratives. In the Brazilian context, the work *The Discovery of the New World* (2013), by Mary Del Priore stands out for recreating the colonization period from perspectives often overlooked by traditional historiography. Accordingly, this article aims to analyze how this hybrid narrative fosters a reinterpretation of Brazil's colonial past. To this end, the research conducts a critical, bibliographical analysis grounded in two complementary theoretical frameworks: the premises of the *New History* (Sharpe, 1992), focusing on marginalized subjects and the concept of the contemporary historical novel of mediation (Fleck, 2017), which interrogates the boundaries between official records and fiction. The discussion is further supported by Latin American decolonial theories from Quijano (1988), Mignolo (2017), and Grosfoguel (2006). The findings indicate that Del Priore's book decenters the hegemonic narrative by giving voice and agency to characters who were historically relegated to the margins of social processes. The study concludes that the use of narratives possessing such hybrid qualities in educational settings constitutes a significant decolonial action (Santos; Fleck, 2025). This pedagogical and literary endeavor proves essential for shedding light on a past of subjugation, thereby contributing directly to the decolonization of minds, the collective imagination, and identities in Latin America.

Keywords: Contemporary Historical Novel of Mediation; New History; Hybrid Narratives of History and Juvenile Fiction; Decoloniality.

Submetido em 20 de fevereiro de 2026.

Aprovado em 21 de julho 2026.

Introdução

Desde o surgimento da história como ciência, no século XIX, a preocupação dos historiadores, quase sempre, está em relatar os eventos históricos protagonizados pelos grandes homens, reis e estadistas, políticos e militares, bispos e papas, evidenciando, com isso, a versão vivenciada por essas personagens e a sua visão sobre os fatos. Conforme nos esclarece Sharpe (1992, p. 40):

[...] tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezenove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite.

O descontentamento de muitos historiadores com essa narração, voltada para as elites, foi apresentado por Bertolt Brecht, em 1936, com a publicação do poema “Perguntas de um operário que lê”. Neste, o poeta alerta os historiadores para o fato de que os mandatários não construíram sozinhos os eventos narrados pela historiografia: “Quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros, estão nos nomes de reis. Arrastaram

eles os blocos de pedra?” (Brecht, 2000, p. 166). No entanto, como ação em busca de uma perspectiva alternativa, a qual introduziu um novo conceito que entrou para a linguagem dos historiadores, “a história vista de baixo” passou a ganhar forma a partir da publicação do artigo de Edward Thompson, em 1966, “*The History from Below*”. Conforme Sharpe (1992, p. 41):

[...] essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa, e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.

Assim, iniciou-se uma ampla revisão no método, nas fontes e nos procedimentos escriturais da própria ciência histórica já no final da segunda década do século XX. Tais transformações buscam aproximar o fazer do historiador à nova realidade que, hoje, nos revela o poder da palavra e da linguagem na construção de discursos. Essa ferramenta – a linguagem – foi e continua sendo manipulada para a geração de discursos autoritários e com teor de veracidade.

Nesse sentido, a utilização de novas fontes para a escrita da história, instituídas pelos historiadores da corrente da Nova História, deram suporte para a concretização do intento de examinar outros materiais – diários, memórias, manifestos políticos – e ainda fontes que, segundo Sharpe (1992), não estavam sendo deliberadamente escritas com a finalidade de servir para a posteridade, mas foram importantes para compreender o modo como viviam essas populações. Ampliou-se, assim, o universo das fontes e dos referenciais do historiador e, conseqüentemente, o olhar sobre o passado desde a ótica da história.

Em relação às escritas literárias híbridas de história e ficção, sobretudo no romance histórico contemporâneo de mediação – modalidade de escrita híbrida que se encontra em maior quantidade atualmente no escopo de produções do gênero, apresentada por Fleck (2017), como nas expressões híbridas direcionadas para estudantes em princípio

de formação leitora (Santos, 2023⁵; Santos; Fleck, 2025; Souza, 2024⁶), essas narrativas pretendem incluir a perspectiva daqueles que ficaram no anonimato e lhes conceder um espaço de representação. Desse modo, vemos a sua discursividade em amplo diálogo com as correntes da Nova História, em especial, com a “história vista de baixo” (Sharpe, 1992), que retira da marginalidade e dá protagonismo às vozes outrora invisibilizadas pela história oficializada pelo colonialismo.

Assim, o presente artigo, que tem por objetivo apresentar a leitura da narrativa híbrida de história e ficção *A descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore à luz dos estudos de Fleck (2017), sobre o romance histórico contemporâneo de mediação, da História vista de baixo, Sharpe (1992) e dos preceitos decoloniais, Quijano (1988), Mignolo (2017) e Grosfoguel (2006), está assim organizado: na primeira seção apresentamos as características do Romance Histórico Contemporâneo de Mediação e como essa modalidade, devido a sua criticidade em relação à história tradicional, alinha-se aos estudos decoloniais.

Em seguida, na segunda seção, exibimos a análise da obra de Del Priore (2013), a fim de demonstrar como essa narrativa, por apresentar o fato histórico do “descobrimento” do Brasil, pela ótica de personagens periféricas nos registros

⁵ A tese do professor Vilson Pruzak dos Santos (2024) – *Uma trajetória das narrativas híbridas de História e ficção infantil e juvenil no Brasil: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora* (2023) –, defendida no contexto da Pós-graduação em Letras da Unioeste/Cascavel-PR (PPGL), vinculada ao Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de História e ficção – vias para a descolonização” é o estudo pioneiro no Brasil em relação ao estabelecimento de uma trajetória diacrônica das expressões literárias híbridas de História e ficção destinadas às crianças e aos adolescentes em fase de formação leitora. O estudo está disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6855>. Acesso em: 21 de maio de 2024. Em parceria com o professor G. Francisco Fleck, esse estudo foi publicado pela Editora Pedro & João, em 2025, dando início à Coleção “Ressignificações do passado na Literatura híbrida infantil e juvenil brasileira: vias à formação leitora decolonial” a qual congregará todos os estudos dos integrantes do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América”, voltados à formação do leitor literário decolonial. O Volume I dessa Coleção – a obra de Santos e Fleck (2025) – encontra-se disponível para acesso gratuito no link: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/uma-trajetoria-das-narrativas-hibridas-de-historia-e-ficcao-infantis-e-juvenis-no-brasil-vias-a-formacao-leitora-decolonial/>. Acesso em: 30 set. 2025.

⁶ A tese da professora Matilde Costa Fernandes de Souza (2024), *A literatura infantil brasileira na trajetória das escritas híbrida de História e ficção para jovens leitores: ressignificações do passado na formação leitora decolonial do Ensino Fundamental – anos iniciais*, defendida em 2024, igualmente vinculada ao Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de História e ficção – vias para a descolonização”, prioriza, a partir da trajetória diacrônica das escritas híbridas a jovens leitores em formação, estabelecida por Santos (2023), o percurso daquelas produções destinadas às crianças em processo inicial de formação leitora. O estudo encontra-se disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7698>. Acesso em: 05 jan. de 2025. Esse estudo constitui-se no Volume II da Coleção “Ressignificações do passado na Literatura híbrida infantil e juvenil brasileira: vias à formação leitora decolonial” e já está sendo preparado para publicação.

oficializados, pode auxiliar na formação de leitores literários decoloniais no espaço escolar, e, por fim, as considerações finais.

1. O romance histórico contemporâneo de mediação: uma modalidade híbrida decolonial

A modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, sem ser desconstrucionista em termos de linguagem, estrutura e discurso, mas, sim, crítico frente à univocidade da historiografia hegemônica tradicional, possui algumas características comuns. Fleck (2017) elenca seis características, as quais nem sempre aparecem em sua totalidade em uma obra. A primeira evidencia uma releitura crítica verossímil do passado. Essa, conforme o autor, não segue o padrão canônico europeu das modalidades clássica e tradicional do romance histórico voltado à exaltação dos heróis do passado⁷. No entanto, essa releitura mantém o intuito da construção da verossimilhança – aproximação da ficção com uma suposta realidade. Ainda, nesse delineamento, o autor destaca a construção da ressignificação dos eventos históricos, trazendo elementos novos como, por exemplo, a voz enunciativa de personagens periféricas, secundárias, ou seja, aqueles que não eram constituídos como sujeitos legitimados para enunciar um determinado acontecimento histórico.

A segunda característica é a predominância da construção de um relato linear do evento histórico recriado. Fleck (2017) assinala que o romance histórico de mediação relata, cronologicamente, os eventos históricos, mas sem deixar de manipular a temporalidade diegética, por exemplo, com avanços e retomadas no próprio percurso histórico das ações recontadas. No entanto, essas analepses e prolepses não propiciam grandes mudanças na linearidade da narrativa e, por isso, não dificultam a compreensão da diegese a um sujeito ainda em processo inicial de formação leitora.

A terceira característica aponta que o foco narrativo é, geralmente, centralizado, fixado em uma perspectiva marginalizada. Essa característica, no romance histórico contemporâneo de mediação, busca evidenciar as vozes sociais que foram silenciadas,

⁷ Para saber mais sobre o romance histórico em suas modalidades clássica e tradicional, recomendamos a leitura do livro *O Colombo que nasceu na América: Figurações do self-made man na literatura estadunidense – o romance histórico clássico de Scott e Cooper em Ivanhoe (1819) e Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay (1840)*, de Jorge Antonio Berndt e Gilmei Francisco Fleck. Disponível em: https://arquivos.pedroejooeditores.com.br/wp-content/uploads/2025/04/03163005/EBOOK_O-Colombo-que-nasceu-na-America.pdf Acesso em: 16 fev. 2026.

suprimidas e apagadas no processo histórico oficializado. Vale pontuar que, nessa modalidade, não se busca, prioritariamente, desmistificar ou desconstruir a imagem dos heróis já legitimados na historiografia, mas possibilitar que novas vozes sociais (de mulheres, de indígenas, de negros, de crianças, de párias, de degradados, entre outros) ecoem e ressignifiquem o passado.

A quarta característica é o emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial. Para Fleck (2017, p. 110-111), “o romance histórico contemporâneo de mediação prima por uma linguagem simples e de uso cotidiano, em contraposição ao barroquismo e ao experimentalismo dos novos romances históricos e das metaficções historiográficas”. Desse modo, essa modalidade de romance histórico possibilita uma maior aproximação entre o texto e seu leitor hodierno. Observa-se, também, a adaptação da linguagem histórica para uma linguagem mais contemporânea, sempre com foco na facilitação da interação entre a obra e o leitor.

A quinta característica é o emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. Nesta, observa-se a presença da dialogia – uma vez que o discurso oficializado dialoga com o discurso periférico –, da polifonia e da heteroglossia– ao apresentar as diversas vozes, que mantêm ou não certa independência discursiva, e que constituem as nações, de acordo com suas particularidades – e, também, da paródia– mas esta última de forma moderada, diferenciando-se das produções desconstrucionistas que a usam com muita intensidade como, por exemplo, a metaficção historiográfica. Além disso, a intertextualidade é bastante recorrente nessa modalidade do romance histórico.

Por fim, a sexta característica destaca a presença de esparsos recursos metanarrativos e metaficcionais: “a utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, dá-se [na modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação] sem que estes se constituam no sentido global do texto” (Fleck, 2017, p. 111). Isso pode ocorrer por meio da presença de um diálogo entre a voz enunciativa do discurso e seu narratário sobre o processo de produção do texto, por questionamentos da voz narrativa sobre as opções feitas na construção do relato expressos na diegese ou por sutis enunciados do narrador em meio ao processo enunciativo sobre a discursividade elaborada no relato.

Muitas obras dessa modalidade, pertencentes ao grupo de produções críticas aos registros históricos tradicionais eurocêtricos– sobretudo as que abordam temáticas relacionadas ao período da colonização, a partir do viés do colonizado –, apresentam-se

como ações decoloniais, empreendidas pelos autores latino-americanos, no intuito de conscientizar seus leitores sobre o poder instituído pela matriz colonial de poder (Quijano, 1988), que dominou e expropriou o povo nativo de suas terras, extraiu suas riquezas e produziu as consequências desses atos que notamos vigentes até os dias de hoje.

Essas ações são relevantes, haja vista que, conforme nos esclarece Quijano (1988), a falta de consciência sobre esses mecanismos da colonialidade de poder, que tenta ocultar o lugar do sujeito que enuncia, a fim de criar a sensação de um conhecimento universal, único e superior aos demais, faz com que grande parte dos sujeitos que vivem nos países colonizados acreditem que estão independentes dessa matriz de poder, uma vez que seus países não estão mais sendo administrados pelas metrópoles. Para Grosfoguel (2006, p. 29): “*los Estados-nación periféricos y las personas no europeas viven hoy bajo el régimen de la “colonialidad global” impuesto por los Estados Unidos por medio del Fondo Monetario Internacional (FMI), el Banco Mundial (BM), el Pentágono y la OTAN*”⁸.

Esse pensamento colonizado criou, no século XX, a noção de que a eliminação das administrações coloniais equivaleria à descolonização do mundo. Todavia, “*los no europeos siguen viviendo bajo la cruda explotación y dominación europea/euroamericana*”⁹ (Grosfoguel, 2006, p. 28), ou seja, continuamos vivendo sobre hierarquias coloniais e raciais, no que hoje se denomina colonialidade. Desse modo, necessitamos tomar consciência sobre esse fato e alargar nossa visão sobre as relações coloniais para vislumbramos, no futuro, que a descolonização – iniciada com a independência administrativa – se concretiza, na prática, pelas transformações sociais ainda em pauta. No Brasil, uma dessas premissas é, sem dúvidas, a formação de leitores literários decoloniais (Fleck, 2023; Santos, 2023).

O leitor literário, na concepção de Fleck (2023, p. 23), é “aquele que lê textos literários, isto é, que passa pela experiência estética e social proporcionada pela leitura de obras literárias”. É um leitor que foi cativado pela experiência estética e fruidora dessas leituras voltadas à linguagem artística e, diante do texto ficcional, de natureza aberta, é estimulado – pelo necessário processo de mediação leitora – a exercer o seu papel de

⁸ Nossa tradução: Os Estados-nação periféricos e as pessoas não europeias vivem, atualmente, sob o regime da “colonialidade global”, imposta pelos Estados Unidos através do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM), do Pentágono e da OTAN (Grosfoguel, 2006, p. 29).

⁹ Nossa tradução: [...] os não-europeus continuam a viver sob a crua exploração e dominação europeia/euro-americana (Grosfoguel, 2006, p. 28).

coautor, ao dar significado ao que o texto lhe oferece a partir de suas vivências. O leitor decolonial, conforme o autor,

[...] é o que se desprende da lógica colonialista e vislumbra outros mundos possíveis, pois ele reconhece sua(s) identidade(s) e se rebela contra o lugar a que sempre foi confinado pelos detentores do poder colonialista e acaba por descolonizar seu pensamento, isto é, pensar em uma lógica outra que aquilo que foi estabelecido como cânones de pensamento (Fleck, 2023, p. 23).

Nesse sentido, na seção seguinte, apresentamos a análise de uma narrativa híbrida de história e ficção juvenil brasileira que conjuga as características da vertente historiográfica da Nova História, tornando-se, assim, um projeto estético decolonial, já que a perspectiva de narração dos fatos é a de sujeitos invisibilizados pelo discurso oficializado. Além disso, seus atributos aproximam-se da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017), o que a torna adequada para os leitores ainda em formação. Esclarecemos que consideramos narrativas híbridas infantis e juvenis aqueles relatos ficcionais:

[...] que mesclam elementos oriundos da história – personagens de extração histórica, que são ficcionalizadas; acontecimentos do passado, que são recuperados como elementos temporais ou espaciais dos relatos; fontes e documentos históricos, que são incorporados aos relatos ficcionais por meio da intertextualidade, entre outros possíveis materiais provenientes do campo da historiografia [...], como ocorre, também, no romance histórico para adultos, segundo Mata Induráin¹⁰ (1995) e Fernández Prieto (2003). Nesses relatos híbridos, a ficção, com sua potencialidade de linguagem conotativa, costuma preencher os espaços vazios deixados pela historiografia tradicional (Santos, 2023, p. 88).

Nesse contexto, essas são produções literárias adequadas às práticas de leituras proporcionadas em sala de aula aos leitores em início de escolarização – integrantes do Ensino Fundamental – que principiam o processo de formação leitora. A mediação do processo de leitura pelo docente, nesse caso, torna-se vital. A leitura, que a seguir apresentamos, de um exemplar dessas produções críticas híbridas hodiernas pode auxiliar

¹⁰ O autor, com essa alusão ao teórico, refere-se ao expresso pelo crítico quando este menciona que “*la presencia en la novela histórica de este andamiaje histórico servirá para mostrarnos los modos de vida, las costumbres y, mejor comprensión de aquel ayer [...], todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y lo sustantivo es la novela* (Mata Induráin, 1995, p. 18). [Nossa tradução: [...] a presença no romance histórico deste andaime histórico servirá para nos mostrar os modos de vida, os costumes e uma melhor compreensão daquele passado [...], todo esse elemento histórico é o adjetivo, e o substantivo é o romance (Mata Induráin, 1995, p. 18).

os professores no entendimento, tanto da hibridez da escrita quanto do teor crítico decolonial do projeto estético em si.

2. *A Descoberta do novo mundo* (2013), de Mary Del Priore: um projeto estético decolonial

Na obra híbrida juvenil *A descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, narra-se as ações vividas por dois meninos órfãos portugueses, Paulo e Pedro, que chegaram ao Brasil sob a tutela da companhia de Jesus, para serem os “meninos-língua”. Essas duas personagens protagonistas, entregues aos padres jesuítas em Portugal, começaram uma amizade durante a viagem de navio que os levariam ao “Mundo Novo” para pregar o evangelho aos povos “selvagens”. Os meninos descobrem, ao adentrarem na embarcação, a função que exerceriam e para onde iriam, quando um dos padres assim os adverte: “Silêncio. Iam para a terra de Santa Cruz, também chamada Brasil, explicou ele. Tinham uma missão importante: ser os ‘meninos-língua’” (Del Priore, 2013, p. 12).

O relato, inicialmente, trata da viagem em alto mar, do trabalho forçado a que foram submetidos os meninos dos “santos” – como eram conhecidos os jesuítas pelos marinheiros, que os tratavam com muita rispidez, como vemos expresso no fragmento a seguir: “– Ao trabalho, vagabundos, órfãos de merda, meninos dos Santos!” (Del Priore, 2013, p. 16). Durante a viagem, o narrador expõe, também, sobre as adversidades, como uma tempestade horrível que enfrentavam, quando ele relata de uma infernal escuridão que desceu sobre o barco. “Os mastros balançavam como se fossem quebrar. As velas batiam com estrondo. As adriças esticavam com violência capaz de jogar um homem ao mar. A nau mergulhava de cabeça e depois subia a pique entre duas ondas” (Del Priore, 2013, p. 28). Depois disso, veio um período de calmaria que não deixava a embarcação avançar, causando desespero na tripulação e a desconfiança dos padres sobre tudo o que estava ocorrendo, como um castigo de Deus devido aos horrores cometidos pela tripulação, pois “[...] o barco ia cheio de pecados, dizia o padre” (Del Priore, 2013, p. 29).

Ademais, destaca-se, no trecho, o convívio dos tripulantes com os grumetes, “meninos esqueléticos, maltrapilhos e de grandes olhos acesos. [...] A maioria trazia as gengivas pretas e um hálito fétido. Sofriam de escorbuto, doença que, por falta de vitaminas encontradas em frutas, fazia inchar as gengivas e sangrar os dentes” (Del Priore, 2013, p. 21). Esses jovens sofriam todo tipo de humilhação, e até mesmo violência sexual

dos marinheiros, conforme observamos no excerto abaixo em que o narrador revela o sofrimento desse jovem pertencente à classe baixa de Portugal.

Dias antes, um dos grumetes apareceu com as calças sujas e ensanguentadas. Fora violado por um marinheiro. Não ousou se queixar. Chorou baixinho toda a noite. Não era a dor de um ferimento, de uma queimadura ou de uma pancada. Era uma dor diferente, com a qual ele teria de conviver por muito tempo (Del Priore, 2013, p. 29-30).

É durante a viagem que Pedro e Paulo conhecem a personagem Isabel, uma “órfã da rainha”¹¹, escolhida para se casar com algum dos homens do rei na Terra de Santa Cruz. É ela quem esclarece aos meninos tudo sobre a nova terra em que iriam aportar. Isabel assinala que o nome Terra de Santa Cruz não foi escolhido por acaso, como segue na citação:

[...] representava a luta de Portugal contra os infiéis, os bárbaros e os selvagens. Era a guerra do Bem contra o Mal. Uma nova Cruzada. Mas também representava o martírio de Cristo. A cruz era o símbolo pelo qual os homens se livravam do Diabo. Até os degredados que vinham no porão, seguiam para lá para se purificar. Cumprir pena em lugar tão difícil servia para limpar os pecados que tinham cometido. Por meio de trabalho e sofrimento, os homens se livravam da tirania do demônio. Santa Cruz era um Purgatório (Del Priore, 2013, p. 35).

O relato da voz enunciativa heterodiegética¹², no papel de um narrador que enuncia em nível extradiegético – que não faz parte do universo das ações relatadas – que oferece os conhecimentos que a personagem Isabel possui sobre a colônia, manifesta, de forma contundente, como os povos originários eram vistos pelos colonizadores – infiéis, bárbaros e selvagens. Além disso, aloca-os na posição de demônios, representantes do mal na terra que deveriam ser salvos pelos enviados de Deus e justificar o trabalho forçado e o sofrimento causado aos degredados como uma maneira deles serem purificados.

¹¹ Sobre esse contingente de mulheres brancas enviadas da Europa à América para aqui implementar a pureza da etnia e a constituição de famílias cristãs na colônia, recomendamos a leitura da dissertação *A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo Mundo” – perspectivas literárias* (2017) – Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3471> – e da tese *As Órfãs da Rainha – The Jamestown Brides – Les Filles du Roi: ressignificações literárias dos projetos de inserção da mulher branca na América* (2023) – disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6529> – ambos estudos de Beatrice Uber.

¹² Os níveis diegéticos, segundo Genette (s/d), são três, podendo uma narrativa ser: a) extradiegética, cujo narrador não participa da história que narra; b) intradiegética, que ocorre quando o narrador é, também, uma personagem da história narrada; c) metadiegética, quando ocorre de um narrador introduzir uma personagem que se torna narradora de outra história dentro da diegese. A pessoa do narrador divide-se em três tipos, podendo ser: a) heterodiegética, que, apesar de narrar a história, não faz parte dela; b) homodiegética, que, além de narrar a história, é uma personagem secundária que experiencia a diegese; c) autodiegética, quando o narrador relata suas próprias experiências dentro da diegese como personagem protagonista da história (Genette, s/d).

Quando desembarcaram no território da colônia, os meninos vivenciaram o sofrimento do povo negro escravizado, que ao “menor sinal de cansaço ou qualquer tentativa de conversa era interrompido pela voz do senhor: “ao trabalho”. E seguia-se um zunido de chicote” (Del Priore, 2013, p. 56). Os protagonistas, tratados com rudeza pelos jesuítas, logo compreenderam que: “Na Terra de Santa Cruz a natureza era rica. Mas a gente, paupérrima. Mais pobre do que eles, em seus vilarejos no interior de Portugal. O que significava que só trabalhariam. Seriam, disse Paulo a Pedro, uma espécie de escravos brancos” (Del Priore, 2013, p. 59).

Na sequência, os meninos enfrentaram os perigos da mata e a dificuldade em entender a língua dos nativos. No entanto, em pouco tempo de vivência com os povos originários, acostumaram-se com os novos hábitos de vida, conheceram outras tribos, seus costumes, as cerimônias religiosas, o que os levaram a entender:

[...] que os gentios nada tinham de lobos ou demônios. Eram apenas diferentes. Longe das feras descritas pelos portugueses, eram alegres e generosos. E tudo lhes impressionava: adultos não batiam em crianças. Os homens ajudavam suas mulheres a dar à luz. Tudo o que se caçasse ou pescasse era dividido. Se houvesse o que comer, ninguém passava fome. As refeições eram feitas em conjunto, permitindo brincadeiras e risadas (Del Priore, 2013, p. 76).

Com excertos como esse, a literatura híbrida ilustra muito bem o modelo de sociedade dos autóctones, baseada no bem comum, e com isso, aclara aos leitores que o discurso usado pelos colonizadores para justificar a invasão – o de que eram bárbaros, incivilizados que necessitavam da presença de uma sociedade mais evoluída para os conduzir – cai por terra. Mais uma vez, vemos a ficção apresentando novos contornos para o processo de invasão das terras do continente americano, ao expô-lo pela perspectiva de alguém que estava convivendo com o outro lado do conflito e trazendo a versão dos vencidos, a qual não figura nos estudos historiográficos tradicionais.

A adoção, pelo narrador, da perspectiva de narração dos fatos pela ótica de personagens invisibilizadas, ou mesmo ausentes, do discurso oficializado, vincula a narrativa de Del Priore aos preceitos dos estudos historiográficos da história “vista de baixo”, proposto por Sharpe (1992) – uma das ramificações da Nova História. No relato, ocorre a inversão da perspectiva a partir do que essa Nova História cita como versão “vista de baixo” (Sharpe, 1992), que privilegia perspectivas de personagens que ficaram

à margem no discurso oficializado. Segundo o autor, a abordagem da história “vista de baixo” tem a função de:

[...] servir como um corretivo à história da elite. [...] Oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história (Sharpe, 1992, p. 30-31).

Dessa forma, a autora não tenta desconstruir as personagens consagradas pela escrita anterior da história, mas, de forma sutil, busca revelar a subjetividade dos colonizados e penetrar no pavimento das suas sensibilidades, apontando para os seus costumes e tradições. Com isso, problematiza estereótipos que os apresentam como selvagens e sanguinários nas escritas dos colonizadores. Essa peculiaridade da tessitura híbrida juvenil ajusta-se, pois, àquilo que Fleck (2017) expressa como inerente às escritas críticas da modalidade do romance histórico de mediação: ao invés da desconstrução de discursos e personagens exaltadas na historiografia tradicional, busca-se, nas expressões críticas/mediadoras, a manifestação de outras vozes, outros olhares e outras vivências dos fatos consignados nos anais da história.

Constatamos, assim, que o foco narrativo não está fixado nos grandes heróis já consagrados pela história, mas sobre dois personagens configurados como meninos órfãos que vieram de Portugal para serem “línguas” [tradutores] aqui no Brasil, e que se tornam os protagonistas da diegese ao lado de outras personagens consagradas historicamente. A partir das vivências das personagens protagonistas – adolescentes órfãos trazidos de Portugal para auxiliar no processo colonialista –, os sentimentos relatados, bem como seus discursos materializados no relato híbrido a respeito dos acontecimentos daquele período histórico, ambientam o leitor sobre a atmosfera que reinava nesse espaço, que era a disputa pela posse da terra entre portugueses e franceses, cada qual buscando aliados entre as tribos da região para tentar ocupar o território. Como vemos nesse excerto:

Vestidos com as vistosas plumagens dos guarás, aves de penas vermelhas, os tamoios eram temidos por praticar antropofagia e atacar sistematicamente os portugueses em São Vicente ou em São Paulo de Piratininga, onde Nóbrega havia fundado uma vila com um colégio Jesuíta, em 1554. Os franceses se encarregaram de armar os índios para o confronto, pois lhes interessava eliminar os portugueses da região (Del Priore, 2013, p. 100).

Outra característica que vincula a narrativa de Del Priore com o romance histórico de mediação é a releitura crítica verossímil do passado. Isso fica manifesto na ficção pelo emprego de personagens de extração histórica, como o governador Mem de Sá, Nicolas Durand de Villegagnon, João Cointa, senhor de Bolés, padre Anchieta, padre Manoel da Nóbrega entre outros, bem como as personagens metonímicas¹³ (Pedro, Paulo e Isabel), que, embora sejam puramente ficcionais, representam um contingente de sujeitos citados pelo discurso historiográfico: os meninos língua e as órfãs da rainha.

Como exemplo dessa última categoria de personagens, aparecem, nessa diegese, os “meninos língua”, cuja existência é citada pelo discurso historiográfico. A autora os faz vivenciar, na colônia do Brasil, uma série de aventuras contextualizadas por acontecimentos que, também, contam com o aval da historiografia, como, por exemplo, o ataque ao forte Coligny¹⁴, na ilha de Serigipe – Rio de Janeiro – construído pelos franceses. A batalha ocorreu entre franceses e portugueses em 15 de março de 1560. Com isso, a autora constrói os pressupostos da verossimilhança em sua versão híbrida, conforme se observa no trecho abaixo destacado:

Um chefe naval muito conhecido, Nicolas Durand de Villegagnon, foi incumbido pelo rei da França de construir ali um forte e depois fundar uma cidade. Sua coragem e valentia eram reconhecidas em toda a parte. Ele era ao mesmo tempo soldado, marinheiro, advogado, diplomata e filósofo. Sob suas ordens e com o apoio dos Tamoios, a construção do forte Coligny, na ilha de Serigipe, começou em 1556 (Del Priore, 2013, p. 87).

Como podemos ver, a autora não só menciona, mas detalha ao leitor o contexto no qual o seu relato híbrido está inserido. Dados específicos, como datas e nomes constantes dos anais da história, são o recurso empregado na ficção, nesse intento de construir uma versão “plausível” do passado colonial brasileiro, espaço geo-histórico e social e, também, ambiente no qual as personagens ficcionais atuam.

¹³ Fleck (2017), destaca três tipológicas distintas no que se refere à classificação das personagens híbridas de história e ficção. São elas, as **personagens de extração histórica**, aquelas **puramente ficcionais** e as **personagens metonímicas**. As metonímicas, mesmo sendo puramente ficcionais, são representantes de um contingente de sujeitos ou grupos sociais, participantes de um evento histórico, o que amalgama, em suas configurações, elementos pertencentes a um grupo de personagens que são, quase sempre, postos à margem nos registros históricos oficializados, como é o caso das personagens Pedro, Paulo e Isabel, da narrativa de Del Priore.

¹⁴ Para melhor compreensão dessa batalha, recomendamos a leitura do artigo intitulado “Villegagnon: herói ou vilão? de Vasco Mariz (2008)” Disponível em : <https://www.scielo.br/j/his/a/BtKzSTDnZhC5YjmV89hP3PG/?lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2021.

Num discurso informativo, o relato ficcional vai, assim, gerando no leitor a sensação de estar frente a um discurso cujos enunciados poderiam, de fato, ter acontecido. Nesse sentido, segundo Uber e Oliveira (2020, p. 375), na literatura híbrida de história e ficção, utiliza-se, “em várias de suas modalidades, da verossimilhança para criar, nesse seu espaço imaginário, aquilo que a história não quis ou não pôde revelar por diversos motivos ao seu leitor/ouvinte”.

Nessa obra, a autora apresenta, ainda, mais uma personagem metonímica, ou seja, uma configuração que engloba as características de toda uma coletividade. Trata-se da personagem Isabel, que representa as “órfãs da Rainha”¹⁵ que, pela narrativa oficializada, ecoada pelo colonizador, compõe o grupo de:

[...] filhas, netas, irmãs e sobrinhas de homens que tivessem morrido a serviço da coroa. Eram escolhidas no Reino e não só recompensadas com dotes no além-mar, como também de atribuição de postos de menor importância na burocracia do império aos seus futuros maridos [...] (Almeida, 2003, p. 157).

Outras personagens de extração histórica, citadas na narrativa de Del Priore, são alguns padres jesuítas, como, por exemplo, o padre Nóbrega. Essa ordem religiosa esteve presente desde as primeiras incursões dos colonizadores em terras brasileiras. Segundo o relato do narrador, Nóbrega, um dos primeiros padres jesuítas que aqui aportaram, discutia com o governador o que fariam com os indígenas que não aceitassem a conversão para a religião cristã, conforme é possível observar no excerto a seguir:

Para sorte dos jesuítas, Nóbrega e Mem de Sá tinham se tornado grandes amigos. Prometeram que cuidariam bem dos selvagens que quisessem se converter. Os outros, rebeldes que resistissem, seriam amarrados às bocas de canhões, depois explodidos. Ou caçados e mortos a tiros de bacamarte. Como animais! (Del Priore, 2013, p. 59).

¹⁵ São conhecidas como “Órfãs da rainha”, na historiografia, jovens portuguesas, órfãs de pais que se dedicaram à coroa nos empreendimentos marítimos e colonizadores monárquicos, as quais eram enviadas às colônias portuguesas para, nelas, constituírem famílias cristãs e gerarem ali os descendentes brancos, herdeiros das posses dos colonizadores nas terras além-mar. Para maiores informações sobre esse tópico, recomendamos, além da dissertação e da tese de Beatrice Uber, já mencionadas, os artigos: “Mulheres na colonização brasileira: releituras ficcionais por um prisma feminino – a criticidade do romance histórico contemporâneo de mediação” (UBER; OLIVEIRA, 2020); disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/9053>. Acesso em: 02 Mar. 2022; “Construção da memória coletiva pela literatura: mulheres na América” (UBER; DEL POZO GONZÁLEZ; RODHE, 2020), Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1756>. Acesso em: 02 mar. 2022; e “As “órfãs da rainha” em *Desmundo* (1996): do discurso histórico para o ficcional” (UBER; FLECK, 2019), disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/4917. Acesso em: 02. Mar. 2022.

Desse excerto, é possível compreender como ocorreu o extermínio de boa parte da população autóctone naquele período, uma vez que o narrador deixa claro, em seu discurso, que não havia escolha aos nativos – ou aceitavam a imposição da fé cristã dos colonizadores ou eram mortos de forma cruel. Mais uma vez, observamos a literatura contribuindo para desvelar aos leitores em formação os conflitos que ocorreram, as barbáries cometidas pelos colonizadores em nome da imposição da sua religião como a única “verdadeira”.

Seguindo a leitura da obra, observamos nela o emprego de uma linguagem de fácil entendimento aos leitores juvenis, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Ainda, em vários momentos, a autora busca estratégias linguísticas para deixar palavras ou expressões mais claras aos leitores da obra, utilizando-se de apostos explicativos como, por exemplo, no fragmento que segue: “[...] alguns tocavam pandeiros e dançavam galhofa, um ritmo dos portugueses” (Del Priore, 2013, p. 32-33), “[...] Se viam uma índia nua, corriam para vesti-la com a tipoia, um saco de algodão com aberturas para a cabeça e os braços” (Del Priore, 2013, p. 43). O emprego da estratégia da metalinguagem – a linguagem que se refere à própria linguagem, como ocorre nos dicionários – potencializa o conhecimento linguístico dos estudantes porque permite ao narrador a utilização de um vocabulário não pertencente ao senso comum, mas que, pela estratégia de explicar ao leitor o seu significado – metalinguagem –, enriquece o conhecimento do leitor.

Outras palavras chamam-nos a atenção pela proximidade do léxico com expressões contemporâneas, como: “Pipocavam informações” (Del Priore, 2013, p. 71), e “Outras formas de entorpecentes também eram usadas” (Del Priore, 2013, p. 82). Essas inserções são estratégias de interferência e aproximação do narrador com seu leitor, as quais servem como dicas para auxiliar no seu processo de leitura, inclusive, para os leitores ainda em formação. Esse tratamento linguístico dado a termos que possam ser estranhos à realidade hodierna auxilia os jovens leitores a perseverarem na leitura, a se identificarem com o manejo da linguagem e enriquecerem seu próprio vocabulário.

Outro recurso que se destaca no trecho é o emprego das estratégias escriturais bakhtinianas, como a heteroglossia presente na voz do narrador e, também, quando este cede a palavra às personagens. Esse uso de diferentes níveis de linguagem – por meio do qual as personagens se expressam, revelando, entre outros aspectos, a sua vinculação a certos grupos sociais, e por meio da qual, as suas vozes enunciam suas falas – é

decorrência, também, da presença de múltiplas vozes na tessitura do relato, ou seja, da polifonia¹⁶.

Assim, a diegese se desenvolve por meio de um discurso polifônico e heteroglóssico, como podemos constatar no trecho a seguir – “No fundo, ia-se travar uma guerra santa” (Del Priore, 2013, p. 91) –, em que verificamos a presença do discurso religioso, como, também, com a utilização de expressões pertencentes ao vocabulário e ao modo de falar dos autóctones – “O xamã trouxe o vasilhame de cauim para fora da maloca para que os ancestrais pudessem beber também” (Del Priore, 2013, p. 82). Ainda nas falas diretas das personagens, como observamos nesse fragmento em que um marinheiro esbraveja: “- Ao trabalho, vagabundos, órfãos de merda, meninos dos santos!” (Del Priore, 2013, p. 16). Ou em blasfêmias proferidas por agricultores por conta das fortes chuvas, que foram presos devido às ofensas à religião cristã. “Agora, o caralho de Jesus Cristo mijá sobre mim!” (Del Priore, 2013, p. 24). E, ainda, na fala do capitão, que ao leme gritava: “Vai fideputa Conceição!” (Del Priore, 2013, p. 30).

A utilização de um léxico variado – ora ameno ora mais erudito ou, ainda, mais heteroglóssico – é uma característica presente nas produções latino-americanas inseridas no contexto da Nova Narrativa Latino-americana, a partir da década de 1940. Ela atua como reação ao culto de “unidade e pureza” (Santiago, 2000), imposto pelos colonizadores, e ao discurso monológico do colonizador europeu – único a registrar por escrito, em documentos e fontes, a sua versão do presente vivido pelas personagens do relato de Del Priore (2013). Essa linguagem, capaz de perpetrar uma “fatualidade” sobre o passado, dominada, à época, apenas pela parcela colonizadora do nosso continente, hoje, segue outra característica: a da mestiçagem cultural criadora, pois

[...] es sobre la base de ese mestizaje fecundo y poderoso donde puede afirmarse la personalidad de la América Hispana, su originalidad y su tarea creadora. Con todo lo que le llega del pasado y del presente, puede la América Hispana definir un nuevo tiempo, un nuevo rumbo y un nuevo lenguaje para la expresión del hombre, sin forzar

¹⁶ A polifonia, como sabemos, refere-se a uma estrutura literária onde coexistem múltiplas vozes e consciências independentes, equipolentes (com o mesmo valor) e não fundíveis, sem que a voz do autor se sobreponha ou as unifique em uma única verdade. É uma polifonia de perspectivas onde personagens dialogam livremente. Enfatizamos que, na obra de Del Priore que serve de análise a este artigo, pode-se notar a exposição de discursos, de vozes que se expressam e demarcam seus posicionamentos ideológicos e que, de certo modo, caminham paralelamente na diegese. Mesmo assim, temos uma voz autoral, que se situa acima delas e que, de certo modo, direciona o sentido da obra aos seus propósitos ideológicos – de descolonização. Desse modo, embora haja elementos de polifonia na narrativa *A descoberta do novo mundo*, de Del Priore, devemos ter cuidado ao classificá-la sob o prisma rígido do que Bakhtin propôs em sua obra *“Problemas da poética de Dostoiévski”*

*ni adular lo más constante y valioso de su colectivo que es su aptitud para el mestizaje viviente y creador*¹⁷ (Uslar Pietri, 1990, p. 357).

Tais estratégias são empregadas com sua máxima potencialidade nas obras produzidas no contexto hispano-americano do começo da Nova Narrativa Latino-americana – especialmente no *boom* –, com seu experimentalismo linguístico, destacado nos pressupostos de Fleck (2017), ao se privilegiar nelas a heteroglossia, os neologismos, o barroquismo, as deturpações morfofossintáticas, entre outras características de uma linguagem experimental que marca profundamente a produção dessa Nova Narrativa Latino-americana desde seu princípio. Desse modo, o espaço da literatura híbrida de história e ficção acolhe os diferentes discursos, deixa-os dialogar na tessitura dos diversos relatos, nas diferentes modalidades de suas expressões e, assim, apresenta-os ao leitor, sem prévios julgamentos ou juízos de valor. Nesse sentido, é importante destacar que

[...] não se forma um leitor decolonial, um sujeito ciente de seu passado colonialista, por meio de estratégias de silenciamento, de ocultação e de romantização de nosso passado, como ocorre nos discursos canônicos, oficializados. O leitor decolonial precisa se defrontar com a essência do colonialismo, sem ser “poupado” da realidade, sem ser ludibriado por enunciados científicos, literários ou didáticos que tratam os sujeitos leitores como incapazes de processar os significados, as causas e as consequências desse período histórico para a contemporaneidade (Fleck, 2023, p. 24).

É nessa perspectiva de uma formação leitora literária decolonial que recomendamos a leitura das narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras para, por meio da inserção dessas textualidades na prática leitora de sala de aula, dar início à formação desses leitores que podem, de fato, exercer, no futuro, uma cidadania descolonizada. Tais obras híbridas apresentam potencial para descolonizar as mentes, as identidades e o imaginário dos leitores em formação na América Latina, levando-os à implementação do pensamento decolonial.

Considerações finais

Na obra analisada, observamos a opção da autora Mary Del Priore, de apresentar os fatos sobre o início da colonização do Brasil a partir da perspectiva de personagens

¹⁷ Nossa tradução: É com base nessa mestiçagem fértil e poderosa que se pode afirmar a personalidade da América Hispânica, sua originalidade e sua tarefa criativa. Com tudo o que lhe vem do passado e do presente, a América Hispânica pode definir um novo tempo, uma nova direção e uma nova linguagem para a expressão do homem, sem forçar ou adular o mais constante e valioso de seu coletivo, que é sua aptidão para a mestiçagem viva e criativa (Uslar Pietri, 1990, p. 357).

marginalizadas pelo discurso historiográfico tradicional. Assim, sua obra propõe ao leitor em formação um projeto estético literário decolonial.

Nesse relato híbrido *A Descoberta do novo mundo*, temos a configuração de duas personagens – meninos órfãos portugueses –, trazidas à força para o Brasil, a fim de auxiliar no processo de colonização, por meio da facilitação da comunicação com os indígenas. Temos, ainda, a configuração de uma garota como “órfã da rainha”. Essas são, por nós consideradas, personagens metonímicas – por representarem todo um contingente de pessoas que realmente existiram no passado.

A leitura empreendida dessa obra híbrida de história e ficção juvenil, de Mary Del Priore (2013), possibilita-nos compreendê-la como uma narrativa que está muito próxima dos romances históricos contemporâneos de mediação, porém, produzida para leitores juvenis, visto que ela, em sua tessitura narrativa, contempla as características que Fleck (2017) descreveu dessa modalidade de romance histórico. O protagonismo da obra centrada em personagens periféricas – “meninos língua” e, secundariamente, na personagem Isabel, metonímica das “órfãs da rainha” – já é evidência de que essa se trata de uma resignificação do passado colonial brasileiro.

Desse modo, compreendemos que essa narrativa oferece outros olhares sobre esse período histórico, uma vez que, invertendo a posição do observador, promove-se, nela, novos ângulos. Em consequência, novas interpretações sobre o passado são proporcionadas. Dá-se, assim, no processo de leitura e de formação do leitor, abertura às “inesperadas iluminações” (Milton, 1992, p. 183), da literatura à história, com possibilidades de incentivo ao “giro decolonial”, ou seja:

[...] *la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida-otras (economías-otras, teorías políticas-otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia*¹⁸ (Mignolo, 2007, p. 29-30).

O primeiro ponto essencial e necessário às práticas decoloniais é o reconhecimento da colonização/colonialidade, ou seja, a compreensão de que isso se trata, também, de “uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa

¹⁸ Nossa tradução: [...] a abertura e a liberdade do pensamento e de formas de vida-outras (economias-outras, teorias políticas-outras); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o desprendimento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia (Mignolo, 2007, p. 29-30).

que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a ‘colonialidade’” (Mignolo, 2017, p. 2) p. 24). Propósito que se pode atingir com a prática de leituras híbridas de história e ficção infantis e juvenis desde o início da formação leitora nas escolas públicas brasileiras, como aqui, neste texto, demonstramos pela leitura da obra de Del Priore (2013).

Acreditamos que a formação de leitores decoloniais – aqueles sujeitos, segundo Fleck (2023), que são leitores literários, mas além disso, compreendem os meandros que envolveram nosso passado de subjugação aos europeus – já no Ensino Fundamental, a partir da exploração, em sala de aula, de narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis que possuam esse viés crítico, pode transformar, mesmo que a longo prazo, a sociedade em que vivemos, operando contextos de superação das grandes desigualdades sociais que assolam os países antes colonizados. Nesses espaços sócio-históricos, muitas das premissas colonialistas – como o racismo, o machismo, o patriarcalismo, a inferiorização de gênero, as questões religiosas, entre outros – seguem sendo cultivadas e cultuadas por muitos setores e segmentos das atuais sociedades latino-americanas. A formação de leitores literários decoloniais nas escolas públicas brasileiras pode transformar essa realidade.

Referências

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI – Interfaces* Vol. 9 n. 1 (março 2018) 85 XVIII. 2003. 322 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

BRECHT, Bertolt. *Poemas - 1913-1956*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo, SP: UNESP, 1992.

DEL PRIORE, Mary. *A descoberta do novo mundo*. São Paulo: Planeta, 2013.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. Leituras de narrativas híbridas de história e ficção: A formação do leitor literário decolonial no Ensino Fundamental – vias à descolonização. In: FLECK, Gilmei Francisco; CORBARI, Clarice Cristina. (Orgs.). *Narrativas híbridas*

de história e ficção infantis e juvenis brasileiras: leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 13-61.

FLECK, Gilmei Francisco; SANTOS, Vilson Pruzak dos. *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil*: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora. “Coleção Ressignificações do passado na Literatura híbrida infantil e juvenil brasileira: vias à formação leitora decolonial”. Campinas (SP): Pontes, 2025.

GROSFOGUEL, Ramón. *La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales*: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, núm. 4, enero-junio, 2006, p. 17-46.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina*: La herida colonial y la opción decolonial. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MILTON, Heloisa Costa. *As histórias da história*: retratos literários de Cristóvão Colombo. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 1992.

QUIJANO, Aníbal. *Modernidad, identidad y utopía en América Latina*. Sociedad y Política, Ediciones, Lima, 1988.

SANTOS, Vilson Pruzak dos. *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil*: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

UBER, Beatrice.; OLIVEIRA, Patrícia. *Mulheres na colonização brasileira*: releituras ficcionais por um prisma feminino – a criticidade do romance histórico contemporâneo de mediação em *Revista EntreLetras* (Online). Araguaína, Brasil. v.11, 374-399, 2020.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el nuevo mundo. In: USLAR PIETRI, Arturo. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Avila Editores, 1990. p. 345-357.